



Revista Catarinense da Ciência Contábil

ISSN: 1808-3781

revista@crcsc.org.br

Conselho Regional de Contabilidade de

Santa Catarina

Brasil

Chaves da Silva, Rodrigo Antonio

FILOSOFIA DA ANÁLISE DA ESTABILIDADE DA LIQUIDEZ

Revista Catarinense da Ciência Contábil, vol. 4, núm. 11, abril-julio, 2005

Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina

Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477549001005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

FILOSOFIA DA ANÁLISE DA ESTABILIDADE DA LIQUIDEZ

Rodrigo Antonio Chaves da Silva

É acadêmico contábil do 6º período da faculdade de ciências contábeis de caratinga (FACICON), é membro do clube Tablero Comando de Balance Scorecard da Argentina, e é membro da Associação Científica Internacional Neopatrimonialista (ACIN).

Resumo

A informação foi considerada finalidade de nosso conhecimento, até o período em os pensadores e pesquisadores da contabilidade passaram a raciocinar sobre o conteúdo e o significado dos informes. Nesta busca da razão sobre os estados patrimoniais, surgiu a análise contábil que procura por meio de relações e identidades, o significado da dinâmica expressada estaticamente na informação. O primeiro aspecto que surgiu no objeto de análise foi o estudo da liquidez, que é um dos principais exercícios do patrimônio. A estabilidade também é outro exercício básico e imprescindível, pois este é que promove o equilíbrio do organismo administrativo. A ciência contábil após a sua dignidade científica passou a trilhar caminhos esplendorosos, amparados em doutrina que permite alcançar os píncaros filosóficos. Os estudos concernentes aos aspectos de interação da estabilidade na liquidez são, complexos e somente com os recursos filosóficos da contabilidade se pode estudá-los com o panorama holístico e sublime. A filosofia da contabilidade não é alheia às suas práticas tecnológicas, podendo buscar pontos sublimes de panoramas abrangentes, para o estudo analítico da liquidez e estabilidade, observando todas as dimensionalidades e essencialidades de acontecimentos, na comprovação e orientação dos estados de ineficácia e eficácia patrimonial.

Palavras – Chaves: Ciência Contábil, Filosofia, Liquidez, Estabilidade, Análise Filosófica da estabilidade da liquidez.

1 INTRODUÇÃO

Foi-se o tempo em que o contador era um simples “guarda-livros”, que se apegava demasiadamente aos processos de registros dos fenômenos patrimoniais, pois, poucos eram os recursos tecnológicos em seu auxílio. A crise da razão do século XVIII exigiu posturas para o conhecimento, o influenciado a se tornar realmente verdadeiro, buscando a essência espiritual dos fenômenos que estavam enclausurados na formas dos corpos de cifras informativas de simples esclarecimentos.

O século das luzes exigiu uma revolução profunda nos processos de estudos dos diversos ramos do conhecimento até então formados, ou que estavam se formando (basta lembrar a revolução que causou a doutrina Kantiana). Esta influencia também atingiu a contabilidade, mas só chegou ao cume, no século XIX com a obra de Coffy (1836), premiada na academia de ciências da França.

Daí então os estudos contábeis passaram a ter uma versão moderna, que não se apegava somente na informação do fato, mas na busca de explicações deste, pelo conhecimento organizado, que emitiria conceitos, teorias e teoremas, expressões cognitivas comuns à auréola que norteava o conhecimento da época.

A visão da dinâmica seria primordial nos estudos contábeis, como expressou veementemente Vincenzo Masi (Apud - Viana 1971), autor Italiano, proclamador epistemológico da dignidade científica da contabilidade, com a criação de sua doutrina, denominada: Patrimonialismo.

Os progressos contábeis tendem a perdurar até os dias de hoje, com a chegada do Neopatrimonialismo, doutrina contábil brasileira, que denotou as relações lógicas que formam a natureza, dimensão e procedência dos fenômenos patrimoniais. Tal doutrina está aperfeiçoando as idéias de Masi, alcançando facilmente a filosofia da contabilidade.

2 FILOSOFIA E CIÊNCIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA

O homem em seu talento espiritual de criatividade, na tentativa de explicação das coisas visíveis do universo, criou o mito. O mito é, portanto, uma expressão fantasiosa, mas fascinante de uma realidade, criada pelo senso comum do ser humano.

Ultrapassando esta tentativa de explicação, para alcançar a explicação real, pensadores passaram a refratar as emissões mentais derivadas do senso comum e do conhecimento vulgar (doxa), para buscar entendimentos pelo bom senso, amparado pela lógica e sujeito ao questionamento para aperfeiçoamento (episteme). Surge então a filosofia.

A filosofia no sentido histórico surge primeiro que a ciência, mas nunca deixou de ser um conhecimento. Na verdade a filosofia é o alfa e o ômega da ciência. Ou seja, toda a ciência iniciou na filosofia e toda a ciência que almeja a perfeição termina nela. A ciência precisa da filosofia e a filosofia nunca deixará de ser uma ciência, por nunca deixar de ser um conhecimento.

A diferença básica entre a filosofia e a ciência é que esta é específica enquanto aquela é multidisciplinar. Ou seja, a filosofia utiliza todos os métodos e estuda todos os objetos, mas a ciência possui um método específico. Aliás, foi com a criação do método que a filosofia se separou da ciência. A autoria do método se deve a Galileu Galilei (1564-1642), que o utilizava para a pesquisa e comprovação de suas idéias.

Contudo, quando a filosofia se tornou autônoma com relação à ciência (isto no tratamento e concepção, pois, tudo era um conhecimento), nunca foi preterível o seu uso. A filosofia serve para afitar os erros de uma ciência, fitando a qualidade de seu método e objeto de estudos. Portanto, a visão sublime da ciência é obtida por meio da filosofia deste mesmo conhecimento.

A ciência quando almeja os pontos mais altos e sublimes, buscando a essência do seu conhecimento na correta investigação da substância de seu objeto de estudos, estará aspirando e alcançando a filosofia. Toda ciência precisa de uma abordagem filosófica para o seu aperfeiçoamento, pois não existe ciência acabada.

A filosofia da ciência é, pois, um termo que se utiliza, em um sentido comum, quando os cientistas de um ramo do saber buscam a sublimidade de seu conhecimento, desejando as essências do mesmo, expressas em dimensionalidades adequadas e contidas em ambientes precisos.

3 ANÁLISE CONTÁBIL

Como se disse anteriormente, quando os indivíduos que se consagravam à contabilidade passaram, a buscar as “razões” das informações contábeis, surgiu à análise contábil, comumente chamada de “Análise de Balanços”, pelo fato de se utilizar o balanço como meio de alcance deste objetivo.

Não se pode negar as contribuições que foram emitidas pelos pensadores dos Estados Unidos da América, quando este mesmo país, em seu sistema bancário, utilizava a análise nas concessões de empréstimos solicitados, conforme expressa Matarazzo (1998). Na idade moderna foi o crédito que motivou a análise dos patrimônios e como nos E.U. Aos créditos ou empréstimos eram concedidos especialmente pelos Bancos, atribui-se a este setor macrocontábil o avanço da forma consuetudinária da prática analítica.

A análise contábil apesar de ter sido praticada nos Estados Unidos de forma freqüente nos estabelecimentos bancários, ela sempre foi utilizada pelos cientistas contábeis da Europa, por Vincenzo Masi, Alberto Checherelli, Gino Zappa, Fabio Besta, Giovanni Rossi e muitos outros, não obstante, ensaios do processo analítico já serem ministrados pelo Frei Ângelo Pietra no século XVI, conforme abordou Sá (1997).

O objetivo da análise é exatamente este: o de estudar, através de cotejo das partes, as funções dinâmicas do capital de funcionamento, a fim de verificar a sua eficácia no período ou promover este estado de eficácia quando necessário. A análise, pois, busca a explicação dos fatos patrimoniais existentes na célula social, a fim de orientar os gestores na busca da prosperidade do organismo administrativo.

A análise contábil serve não apenas para a realização de consultorias, mas também como meio de pesquisas, pois, através dela, se pode colher dados para elaboração de teorias, como fez Sá (1965), em sua tese de doutorado, que examinou mais de 7.000 balanços (na verdade é 7110) por meio de mais de uma dezena de quocientes, tal pesquisa foi primordial para a elaboração da “Teoria do equilíbrio”. A análise, portanto, na verdade, conquista a finalidade

de nosso conhecimento de forma direta, até se comparando com as outras tecnologias (pela análise, é que se consegue verificar e orientar a sanidade do comportamento dinâmico do patrimônio).

A análise é o topo das aplicações do conhecimento, sem qualquer tipo de equívoco. E nunca se poderá prescindir da científicidade das suas fórmulas para a total firmeza de conclusão. Muito menos se poderá preterir da filosofia para o engrandecimento de sua elaboração e de seus resultados.

4 A VISÃO NEOPATRIMONIALISTA DO PATRIMÔNIO

Quando Vincenzo Masi (Apud – Sá 1997), na metade do primeiro quinquênio do século XX, transformou a contabilidade em um ramo do saber autônomo e específico, diferente de outros ramos do conhecimento humano, por ter esta ciência um peculiar método e uma finalidade própria, definiu o mestre aspectos de estudos e desenvolvimento sobre o aspecto contábil, um deles é o dinâmico.

A dinâmica é um estudo de todo o processo de “ação” da riqueza. Basicamente engloba movimento, velocidade e transformação. Como a empresa está em plena atividade, como a riqueza nunca deixa de operar no tempo, mesmo em casos de falências dos “órgãos” patrimoniais, o aspecto dinâmico é o que mais motiva os estudos contábeis.

Portanto, a dinâmica deixada por Masi, como herança de seu conhecimento, passou a ser tratada de forma mais sublime, pela doutrina Neopatrimonialista, que iria especificá-las, em funções do patrimônio. Portanto, as funções são movimentos específicos da riqueza que produz transformações constantes, por ter em sua natureza uma velocidade específica, que provém da vitalidade circulatória de cada sistema.

A visão do patrimônio adotada pelo Neopatrimonialismo é aquela sistemática, ou seja, o patrimônio se divide em sistemas organizados que produzem determinadas movimentações. Esta visão é a que mais aprofunda o aspecto dinâmico, em toda a história da contabilidade moderna (até, logicamente, o momento atual).

No patrimônio existem, pois, oito sistemas que interagem entre si (Veja Figura 1), em um aspecto constante hereditário, simultâneo e também autônomo (esta autonomia funciona em um processo mais relativo que possa parecer). Estes sistemas expressados não encerram a dinâmica, mas com o passar dos anos com a evolução da mente, na busca filosófica do conhecimento, outros sistemas tendem a aparecer.

Figura 1: Os sistemas de Funções Patrimoniais

SISTEMAS DE FUNÇÕES PATRIMONIAIS

SISTEMAS BÁSICOS

Liquidez

Resultabilidade

Estabilidade

Economicidade

SISTEMAS AUXILIARES

Invulnerabilidade

Produtividade

SISTEMAS COMPLEMENTARES

Elasticidade

Socialidade

Cada sistema possui, portanto, meios e necessidades. Os meios são os elementos materiais que produzem o movimento (ou seja, um estoque no âmbito do sistema financeiro, ao ser movimentado pelas vendas, irá produzir meios de pagamentos, na forma de caixa ou créditos necessários ao movimento de liquidez). As necessidades, por sua vez, são aquelas que motivam a criação dos meios patrimoniais e tendem a ser satisfeitas por eles (o que infelizmente nem sempre acontece).

A função nada mais é do que o exercício, ou o movimento dos meios patrimoniais que visam satisfazer as necessidades específicas (quando o crédito se movimenta, pelo recebimento ele tende a satisfazer as dívidas).

Quando um sistema entra em colapso, diversas são as causas para este desequilíbrio. Contudo, uma só causa poderá transmitir este colapso; algo que prejudica o movimento. Ou seja, quando existem patologias na riqueza a causa está na deficiência do processo dinâmico, que é comum e essencial para a eficácia do patrimônio.

É como se fosse um rio que tivesse no caminho diversos óbices, que não permitissem o seu fluir. O rio é como se fosse o patrimônio que se movimenta em constante processo de atividade e os óbices são os fenômenos que prejudicam o correto fluir do patrimônio, impedindo de alguma forma que ele alcance a satisfação de suas necessidades.

Quando as funções satisfazem as necessidades, diz-se que tal função é eficaz. Mas, para o alcance dessa eficácia é necessário que o meio patrimonial se movimente em uma velocidade específica, com o intuito de satisfazer esta mesma necessidade. Isto só ocorre quando a medida proporcional do elemento que se movimenta é adequada ao complexo patrimonial.

Contudo, os estudos dos regimes de ineficácia tendem a produzir indagações diversas, de maneira a se saber como está equilibrado o sistema, com relação aos meios e necessidades específicas, a fim de se adequar à dinâmica necessária para o organismo aziendal. Quando os

movimentos dos meios e necessidades não atendem às finalidades de transformações específicas, a ineficácia de função existirá devido à existência de desequilíbrios no sistema.

5 A LIQUIDEZ

A liquidez é um sistema, na moderna visão do Neopatrimonialismo. Tal sistema é aquele que transmite funções que tendem a satisfazer as necessidades específicas de pagamento. Portanto, a eficácia deste elemento está na debelação das dívidas, uma vez que este mesmo processo é concernente à sua finalidade (a finalidade do sistema de liquidez é a de promover solvência ao capital).

Os estudos da liquidez foram os que primeiro surgiram nos processos modernos de análise, pois, analisar as finanças de um patrimônio era o próprio sinônimo da análise contábil conforme já expressava Viana (1971). Se notar-se, como exemplo, a obra denominada: “Finanças” de Robinson e Johnson (1966), ambos americanos, verifica-se que a abordagem não se atém exclusivamente às “finanças” do empreendimento, mas os autores abordam os aspectos redituais, de retorno lucrativo, de forma importante. O termo financeiro era o mesmo que termo patrimonial.

De acordo com Herrmann Júnior (1975), as análises realizadas pelo sistema de crédito bancário nos E.U.A tinham também o intuito principal de verificar a liquidez dos Bancos e a liquidez das empresas que solicitavam empréstimos (como já se disse anteriormente foi no sistema bancário, em especial, no estadunidense, que o processo de análise se desenvolveu de forma ostensiva no tempo moderno. Contudo, já existia traço da análise, na idade dos metais, idade clássica e fins da idade média).

A liquidez é, pois, uma função exercida pelos meios financeiros, que tem a finalidade de satisfazer as necessidades de dívidas que existem no patrimônio (Figura 1). Sua eficácia acontece quando o fluir do sistema debela as dívidas nos tempos diversos. A ineficácia, contudo, é provocada por distúrbios que desequilibram o sistema, provocando dificuldades no movimento.

Figura 1: Os meios e necessidades do sistema de liquidez

COMPONENTES DO SISTEMA DE LIQUIDEZ	
Meios: Bens Numerários Créditos de Funcionamento Bens de Venda	Necessidades: Débitos de Funcionamento (Dividas)

6 A ESTABILIDADE

Como sistema, a estabilidade tende a promover a função de equilíbrio. Este sistema é aquele que promove uma adequada proporção dos componentes do capital concernentes a um determinado tipo de atividade. Portanto, tal sistema é o que se refere à adequada proporção dos investimentos e financiamentos do patrimônio.

Contudo, a estabilidade é um sistema que condiz com todos os outros sistemas de funções patrimoniais, ou seja, a estabilidade é um resultado dos movimentos das funções, ou também um estado que está presente em cada tipo de função. Existe um equilíbrio em todos os sistemas patrimoniais e este equilíbrio é que conduz aos estados de eficácia e ineficácia do sistema pertinente (Figura 2).

Figura 2: Estabilidade global do patrimônio

VISÃO GERAL DA ESTABILIDADE	
Meios Sistemas de Funções	Necessidades Equilíbrio

A estabilidade pode ser também concebida como o resultado de um processo funcional dos sistemas (Figura 2), ou seja, quando os movimentos são adequados na atividade é porque, absoluta é a coerência proporcional dos investimentos e financiamentos. O adequado movimento também transmite o equilíbrio.

Uma forma específica de se observar o equilíbrio do patrimônio é observar a sua estrutura e o seu. Ou seja, a riqueza tem necessidade de equilíbrio, então ela produz os investimentos e financiamentos, para a partir destes fatos conseguir a estabilidade. O resultado do movimento em comum ligação com os investimentos e financiamentos é que produzirá a estabilidade (Figura 3).

Figura 3: Visão particular da estabilidade

VISÃO PARTICULAR DA ESTABILIDADE	
Meios Investimentos e Financiamentos	Necessidades Adequada proporção

Como regra de atividade a empresa precisa investir e financiar recursos, sendo que o movimento após estes fatos é que produzirá a estabilidade. Se o investimento for adequado não

prejudicará o movimento, se o financiamento também for adequado não prejudicará o movimento.

A riqueza organizada, que se chama de patrimônio, precisa de equilíbrio. Então ela investe e financia recursos, que terão destinações específicas nos sistemas do patrimônio que deverão produzir o movimento adequado, a fim de atingir o equilíbrio ideal (A azienda precisa de equilíbrio da estrutura, então ela investe e financia recursos, que se determinarão em sistemas específicos, cujo movimento transmitirá o estado de eficácia, quando houver uma correta proporção dos recursos em consonância com o dever dinâmico do patrimônio).

Contudo, quando os investimentos e financiamentos não são adequados à estrutura dinâmica do patrimônio, então o movimento estará prejudicado em sistemas diversos, podendo dessa forma, produzir a ineficácia da estabilidade (se um sistema estiver em desequilíbrio pode ser levar ao desequilíbrio total o patrimônio, atingindo todos os sistemas).

Os desequilíbrios existem nos sistemas e ameaçam a estabilidade do patrimônio. Mais dizia que os desequilíbrios estariam nos investimentos em duas espécies: os superinvestimentos que são os excessos de investimentos e os subinvestimentos que são as deficiências de recursos. O mestre também aludia a espécies de desequilíbrios nos financiamentos: Os superfinanciamentos que são os excessos de financiamentos e os subfinanciamentos que são as deficiências de financiamentos. Tanto os super e subinvestimentos, como os super e subfinanciamentos provocam prejuízo na proporção do patrimônio.

Os excessos e as carências de investimentos e financiamentos provocam a ineficácia dos sistemas e consequentemente, ineficácia da estabilidade, além de serem de difícil detecção, provocando diversas indagações e observações analíticas. Neste sentido de captar os desequilíbrios do patrimônio, Sá (1973) produziu uma obra denominada: “Curso Superior de Análise de Balanços” publicada em dois volumes (que o autor do presente trabalho possui com orgulho autografada pelo mestre).

O equilíbrio como se disse, pode ser visto em uma forma particular da estabilidade, de acordo com a sua autonomia, relativa a um estado de hereditariedade, simultaneidade e interdependência dos fenômenos dos sistemas patrimoniais. Mas também pode-se averiguar a estabilidade com relação a cada sistema em particular, pois, cada sistema possui dimensões de equilíbrio, ou seja, o equilíbrio patrimonial (Ep) é relativo aos oito sistemas de funções patrimoniais (Sfp^8):

$$Ep \leftrightarrow Sfp^8$$

A eficácia da estabilidade não é alcançada por si mesma, pelo contrário ela é provinda de um processo de interação com todos os sistemas patrimoniais, de forma que quando existe

um desequilíbrio em um sistema, tal desequilíbrio afetará a estabilidade. A proporção estará em um dos sistemas específicos.

Na função da liquidez pode-se ressaltar um equilíbrio que condiz com o mesmo equilíbrio aspirado pela estabilidade. A eficácia do movimento da liquidez só existe, e é alcançada, quando os elementos que compõem os sistemas, personificados em meios e necessidades, possuem adequada proporção, provinda de um adequado uso dos investimentos e financiamentos.

Existe, portanto, um desequilíbrio e equilíbrio da liquidez, relativos à proporção provinda dos fatos que influenciam no movimento financeiro específico de debelação das dívidas.

7 O EQUILÍBRIO DA LIQUIDEZ

A liquidez inequivocadamente alcança a eficácia quando existe um equilíbrio entre aquilo que se investe e aquilo que se financia, de modo que não prejudique o seu movimento. Uma liquidez eficaz é aquela que satisfaz as dívidas no montante e prazo corretos, mas para tal os componentes que formam os meios e necessidades não devem possuir desequilíbrios.

Ou seja, aquilo que se investe em meios no sistema de liquidez não deve ter excessos e nem carências, para que não prejudique o movimento da liquidez, do mesmo modo que aquilo que financia os recursos no sistema de liquidez não pode ter excessos e nem carências para que não prejudique o movimento.

Logicamente, a ineficácia da liquidez somente existe quando existem desequilíbrios na estrutura que forma os sistemas da liquidez. Os componentes dos meios e necessidades devem ter uma proporção harmônica para que não exista um “antiefeito” da função. Na verdade são os super e subinvestimentos e os super e subfinanciamentos dos elementos do sistema que provocam distúrbios, que geram a ineficácia da liquidez.

Não se pode negar que a liquidez real só existe quando os giros se movimentam em velocidade competente. Há, pois, uma liquidez dinâmica do capital, que só existe em processo de eficácia dos giros. Quando a liquidez é ineficaz é porque os giros não possuem uma velocidade adequada.

Os giros são fundamentais para a eficácia da liquidez, porque eles expressam a capacidade de renovação dos elementos, característica essencial para a dinâmica da função. Tão forte é a influência dos giros na liquidez que se pode, mesmo com uma liquidez comum, baixa, definir a eficácia da função, quando existir a agilidade de giro (sobre esta temática foi escrito um outro artigo intitulado “Liquidez Estática e Dinâmica”, publicado na insigne revista do conselho de contabilidade de Minas Gerais. Tal obra está identificada na bibliografia).

Portanto, o giro só é ineficaz quando existem proporções prolixas ou deficientes, que atingem as aplicações e origens de recursos, componentes do sistema de liquidez. Na verdade

não é só o elemento que gira, mas também é a proporção adequada que apresenta e influencia o giro.

A eficácia da liquidez só é proporcionada pelo equilíbrio da estrutura, que esboça o sistema, ou seja, existe um equilíbrio da liquidez estática que é formal e aparente:

$$Mf \leftrightarrow Nf$$

$$Mf = Nf$$

$$Le \rightarrow Ep$$

A relação e interação entre os meios financeiros (Mf) e necessidades financeiras (Nf) no quantitativo de valores de aspecto estático, quando produzem uma igualdade, produzem a eficácia da liquidez estática (Le), que demonstra o equilíbrio patrimonial estático do sistema (Ep). O equilíbrio estático da liquidez é alcançado quando os meios são iguais às necessidades. Contudo, só a quantidade não é importante para se definir o equilíbrio da liquidez. A liquidez como já se disse depende muito da temporalidade de renovação dos meios em consonância com as necessidades patrimoniais:

$$Tmf \leftrightarrow Nf$$

$$Tmf = Tnf$$

$$Ld \rightarrow Ep$$

Ou seja, a relação entre a temporalidade dos meios financeiros (Tmf) em interação como as necessidades financeiras (Tnf), quando produzem uma igualdade, produzem a eficácia da liquidez dinâmica (Ld), que provoca o equilíbrio patrimonial temporal do sistema (Ep). Porém é preciso ressaltar que tudo isto ocorre em proporções específicas. Também quando os meios financeiros forem maiores que as necessidades nem sempre se terá desequilíbrios na riqueza, mas tal temática englobará outras abordagens e outros escritos.

8 OS DESEQUILIBRIOS DA LIQUIDEZ

Uma autêntica liquidez, como já dito, é fruto da agilidade dos componentes do sistema (meios financeiros e necessidades financeiras). A agilidade só é alcançada quando o giro é

eficaz. Um giro ineficaz é aquele que não possui uma velocidade adequada. Para existir velocidade adequada, a proporção dos componentes também deve ser adequada. Na verdade quando o giro é ineficaz existem desequilíbrios nos elementos pertinentes. Não depende somente do giro, o movimento da riqueza, mas também da proporção, pois, esta pode prejudicar o giro. Os fenômenos de desequilíbrio provocam a ineficácia da liquidez.

Sempre existirá um defeito na estrutura da liquidez dos meios financeiros (os super e subinvestimentos) e das necessidades financeiras (os super e subfinanciamentos), que, em confronto, provocarão a ineficácia da liquidez. São os desequilíbrios perniciosos para a estabilidade, quando relativos aos sistemas de liquidez, que provocam a patologia neste sistema, podendo levá-lo à ineficácia (Figura 4).

Figura 4: Desequilíbrios no Sistema de liquidez

Componentes do Sistema de Liquidez	Fenômenos de Desequilíbrios	
Bens Numerários	Super Investimentos	Subinvestimentos
Créditos de Funcionamento	Super Investimentos	Subinvestimentos
Bens de Venda	Superinvestimentos	Subinvestimentos
Débitos de Funcionamento	Superfinanciamentos	Subfinanciamentos

Dificilmente existirá uma liquidez ineficaz que não possua uma deficiência ou excesso na estrutura proporcional de recursos. E dificilmente existirá um giro ineficaz que no elemento que apresente tal estado, não possua desequilíbrios. Repete-se, os desequilíbrios nos meios financeiros e necessidades financeiras provocarão distúrbios no capital de giro, podendo motivar consequências desastrosas à eficácia patrimonial da liquidez.

Um desequilíbrio de proporção poderá causar um prejuízo de agilidade do capital financeiro, na liquidez. Um desequilíbrio no quantitativo proporcional (Dq) poderá gerar um desequilíbrio na temporalidade (Dt), que deixará a eficácia nula (Ea^0):

$$Dq \rightarrow Dt \rightarrow Ea^0$$

Na liquidez tudo acontece desta forma. Os desequilíbrios na proporção dos componentes do sistema provocarão prejuízos na temporalidade da mesma função, deixando a sua eficácia nula. Por isso mesmo em casos de liquidez estática baixa (a denominada liquidez comum) esta realmente não será ineficaz, por causa da velocidade do giro.

9 VISÃO FILOSÓFICA DOS ESTUDOS ANÁLITICOS DA ESTABILIDADE DA LIQUIDEZ

Os desequilíbrios podem existir em dimensões diferentes. Isto é, no sistema de liquidez, existe uma causa para o desequilíbrio financeiro (Dpf), que pode motivar outra causa de desequilíbrio, existe um efeito do desequilíbrio que pode motivar outro efeito de desequilíbrio, existe uma qualidade de desequilíbrio que pode motivar outra qualidade de desequilíbrio, existe uma quantidade de desequilíbrio que pode provocar outra quantidade de desequilíbrio, existe uma temporalidade de desequilíbrio que pode provocar outra temporalidade de desequilíbrio, existe um espaço para o desequilíbrio que pode provocar outro espaço para o desequilíbrio (Figura 5).

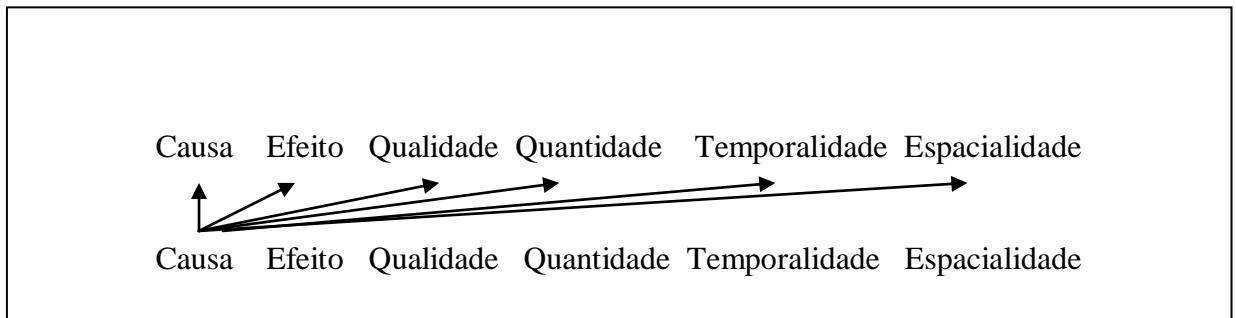
Figura 5: Interações das Dimensionalidades dos Desequilíbrios Financeiros

Dimensionalidades	Causa	Efeito	Qualidade	Quantidade	Temporalidade	Espacialidade
Causa	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Efeito	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Qualidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Quantidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Temporalidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Espacialidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf

Por exemplo, suponha-se que o estoque esteja subinvestido (investido aquém do ideal). O que causou o subinvestimento foi o baixo volume de compras, que causará um desequilíbrio nas vendas, estas produzirão um desequilíbrio nos lucros, estes produzirão um desequilíbrio na capitalização patrimonial, que produziria desequilíbrios nas origens de recursos, que prejudicarão a estabilidade da riqueza aziendal. Portanto, basta raciocinar as dimensionalidades de desequilíbrios para poder saná-los o mesmo, na riqueza patrimonial.

Outra forma de raciocinar os desequilíbrios do sistema de liquidez é a seguinte: existe uma causa de desequilíbrio, que motiva um efeito de desequilíbrio, existe uma causa de desequilíbrio que motiva uma qualidade de desequilíbrio, existe uma causa de desequilíbrio que motiva uma quantidade de desequilíbrio, existe uma causa de desequilíbrio que motiva uma temporalidade de desequilíbrio, existe uma causa de desequilíbrio que motiva um espaço para o desequilíbrio. A análise segue utilizando uma dimensão de desequilíbrio em comparação com as outras dimensões.(Figura 6)

Figura 6: Análise Dimensional particular comparativa



Se uma empresa industrial investe excessivamente em imobilizados, tal investimento (causa) vai gerar um aumento de gastos de manutenção (Efeito), uma proporção inadequada de imobilizado (Qualidade), com um valor monetário prolixo (Quantidade), que durará por um período (Temporalidade), dentro da empresa (Espacialidade).

Outra forma de analisar a estabilidade da liquidez é aquela relativa ao cotejo das essencialidades e dimensionalidades (Figura 7). As essencialidades constituem-se basicamente de necessidade, finalidade, meio e função. As essencialidades deverão ser estudadas com relação às dimensionalidades existentes.

Figura 7: Análise da estabilidade da liquidez, pelo cotejo da essencialidade com as dimensionalidades.

Essencialidades ⇒	Necessidade	Finalidade	Meio	Função
Dimensionalidades				
Causa	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Efeito	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Qualidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Quantidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Temporalidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf
Espacialidade	Dpf	Dpf	Dpf	Dpf

Existe, pois, na liquidez, uma causa de desequilíbrio que prejudica uma necessidade, existe uma causa de desequilíbrio que prejudica uma finalidade, uma causa de desequilíbrio que prejudica um meio patrimonial, existe uma causa de desequilíbrio que prejudica a função da liquidez.

Existe um efeito de desequilíbrio que prejudica uma necessidade, existe um efeito de desequilíbrio que prejudica uma finalidade, existe um efeito de desequilíbrio que prejudica um meio patrimonial, existe um efeito de desequilíbrio que prejudica a função da liquidez.

Existe uma qualidade de desequilíbrio que prejudica uma necessidade, existe uma qualidade de desequilíbrio que prejudica uma finalidade, existe uma qualidade de desequilíbrio que prejudica um meio patrimonial, existe uma qualidade de desequilíbrio que prejudica a função de liquidez.

Existe uma quantidade de desequilíbrio que prejudica uma necessidade, existe uma quantidade de desequilíbrio que prejudica uma finalidade, existe uma quantidade de desequilíbrio que prejudica um meio patrimonial, existe uma quantidade de desequilíbrio que prejudica a função da liquidez.

Existe uma espacialidade de desequilíbrio que prejudica uma necessidade, existe uma espacialidade de desequilíbrio que prejudica uma finalidade, existe uma espacialidade de desequilíbrio que prejudica um meio patrimonial, existe uma espacialidade de desequilíbrio que prejudica a função de liquidez.

Existe uma temporalidade de desequilíbrio que prejudica uma necessidade, existe uma temporalidade de desequilíbrio que prejudica uma finalidade, existe uma temporalidade que prejudica um meio patrimonial, existe uma temporalidade de desequilíbrio que prejudica a função de liquidez.

Assim acontece o estudo filosófico analítico da estabilidade da liquidez, ou seja, existem causas de desequilíbrios, efeitos de desequilíbrios, qualidade de desequilíbrios, quantidade de desequilíbrios, espaços de desequilíbrios, tempos de desequilíbrios, relacionados entre si ou relacionados com as essencialidades, que são necessidade, finalidade, meio e função.

Nesta abordagem holística, verifica-se todas as dimensões, que são relativas às essencialidades possíveis de desequilíbrio no sistema de liquidez. Mas, da mesma forma que se observa o desequilíbrio, a fim de saná-lo, também se pode observar o equilíbrio da liquidez. Ou seja, o equilíbrio terá uma causa, um efeito, uma qualidade, uma quantidade, uma espacialidade, uma temporalidade relacionada com uma necessidade, finalidade, meio e função.

Outra forma de investigar filosoficamente a liquidez, conforme citado, é observar as dimensionalidades com as mesmas dimensionalidades que provocam os fenômenos de desequilíbrio, ou seja, a causa de um desequilíbrio provocará outra causa, o efeito outro efeito, a qualidade outra qualidade, a quantidade outra quantidade, o espaço outro espaço, o tempo outro tempo e assim por diante. Isto significa uma prospecção de tendência patrimonial da estabilidade da liquidez. E tal concepção serve para evitar os transtornos possíveis de desequilíbrio.

Não se quer obviamente tornar impossível ao leitor observar cada dimensionalidades, com cada essencialidade. Tal tarefa demanda muito tempo, além de ser quase que impossível

para a atividade consuetudinária de um contador. Porém, este é o caminho filosófico da análise da estabilidade de liquidez e cabe de alguma forma, tentar ressaltá-lo.

Seria bom que o leitor refletisse filosoficamente sobre a estabilidade da liquidez, nas diversas dimensões e essencialidades de possibilidades, de forma a se poder investigar as relações lógicas dos desequilíbrios, a fim de perquirir sobre os equilíbrios, para que se possa alcançar a eficácia da liquidez financeira e o equilíbrio da riqueza aziendal.

10 CONCLUSÃO

Os sistemas de liquidez e de estabilidade, além de serem relativamente autônomos, possuem uma interdependência hereditária e simultânea, de forma que se pode afirmar com veemência que existe uma real estabilidade da liquidez.

Certamente a liquidez possui estados de eficácia e ineficácia, dependentes da correta proporção dos investimentos e financiamentos, elementos da estabilidade, que, quando mal realizados, desequilibram a proporção e prejudicam o giro dos componentes financeiros, trazendo prejuízo à liquidez e a estabilidade.

O estudo filosófico da estabilidade da liquidez consiste em averiguar as dimensionalidades expressivas dos acontecimentos, em relação às mesmas dimensionalidades, ou às essencialidades dos fenômenos da estabilidade, que produzem equilíbrio ou desequilíbrio no sistema, influenciando a proporção, proporcionando desta forma os estados de eficácia e ineficácia deste importante e impreverível sistema patrimonial.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubens. **Filosofia da Ciência**: Introdução ao jogo e suas regras. 20. Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2^aedição. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.

ARISTOTELES. Tópicos; Dos argumentos sofísticos. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Traduções de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglês de W. A. Pickard - Coleção: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. Retórica das Paixões. Prefácio Michel Meyer; Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. **Livros Clássicos**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2000.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1996.

CHARCON, Wladimir. **El conocimiento Contable**. Pesquisa realizada no site www.gestiopolis.com.br em 13/11/2005

COMTE, Auguste. **Discurso preliminar sobre o espírito positivo**. Tradução de Renato Barbosa Rodrigues Pereira. Pesquisa realizada em <http://www.odialetico.com.br> pesquisa realizada em 20/11/2005.

D'AURIA, Francisco. **Revisão Contábil**. 2º ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1962.

_____. **Matemática Comercial**. 4ª ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1959.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de João da Cruz Costa. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1960.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade Geral**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas. 1961.

_____. **Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1973.

GOMEZ, Giovanny E. **La actividad empresarial y su relación con la contabilidad financeira**. Pesquisa realizada no site <http://www.gestiopolis.com.br> em 13/11/2005

_____. **Evolución, Escuelas y conceptualización de la doctrina contable**. Pesquisa realizada no site <http://www.gestiopolis.com.br> em 13/11/2005

HERCKERT, Werno. Circulação da riqueza. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 04, 3. trim. CRCMG, 2001.

JÚNIOR Frederico Herrmann. **Contabilidade Superior**. 9º edição, São Paulo. Ed. Atlas 1972

_____. **Análise de Balanço para a Administração Financeira**. 10ª ed. São Paulo, Ed. Atlas. 1975

KANT, Immanuel. **Critica da Razão Pura**. Tradução de J. Rodrigues de Merege. Pesquisa realizada no site <http://www.odialetico.com.br/> em 10/11/2005.

LUCKESI, Cipriano.BARRETO, Elói.COSMA, José.BAPTISTA, Naidison. **Fazer Universidade: Uma Proposta Metodológica**. 5º Ed. São Paulo Ed. Cortez 1989.

MATARAZZO, Dante C. **Analise Financeira de Balanços**: Abordagem Básica e Gerencial. 5ª ed. São Paulo: Atlas: 1998.

MICHALANY, Douglas. **Universo e Humanidade**. Tomo 1, 6º edição, Ed. A grande Encyclopédia da vida Ltda. São Paulo. 1968

NEPOMUCENO, Valério. **Entre a Práxis e a Teoria: Os Equívocos da pesquisa contábil empírica nos EUA**. [Http://www.lopesdesa.com/](http://www.lopesdesa.com/). em 20/07/04

_____. Qual é a massa atômica de uma unidade de custo? **Revista Brasileira de Contabilidade**, nº 140, Março\ Abril, CFC-MG, 2003.

PFATZGRAFF, Rogério. **Aspectos científicos da contabilidade.** 3º edição. Rio de Janeiro: Livraria Tupã. 1956.

ROBINSON, Roland I.; JOHNSON, Robert W. **Finanças- problemas e soluções.** Tradução e Adaptação de Eurico Ribeiro. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S. A. 1966

ROCHA, Luiz Fernando Coelho. Noções sobre a Doutrina científica do Neopatrimonialismo. **Revista Mineira de Contabilidade**, Ano V, nº15, CRCMG, 3º Trimestre de 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social.** Pesquisa realizada no site <http://www.comunismo.com.br/> em 25/10/2005.

SÁ, Antonio Lopes de. História **Geral e das Doutrinas da Contabilidade.** São Paulo: Ed. Atlas, 1997.

_____. **Princípios Fundamentais de Contabilidade.** São Paulo: Ed. Atlas, 2000.

_____. **Teoria Geral do Conhecimento Contábil.** Belo Horizonte: IPAT-UNA, 1992.

_____. **Análise de Balanço ao alcance de todos.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1962

_____. **Curso Superior de Análise de Balanços.** Vol. I e II, 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1973.

_____. **Fórmulas importantes para Analisar Balanços.** Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint Ltda, 1982.

_____. **Como Administrar pequenos Negócios.** Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint. 1984.

_____. Enfoques Essenciais na Análise do Equilíbrio das Empresas sob a Ótica do Neopatrimonialismo. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 02, 1. Trim. CRC-MG, 2001.

_____. **Célula Social e Contabilidade.** Disponível em www.lopesdesa.com.br em 27/08/04.

_____. **Comparação de valores em contabilidade.** Pesquisa realizada em www.lopesdesa.com.br em 25/04/03

_____. **Governo do Lucro e Neopatrimonialismo Contábil.** Pesquisa realizada em www.lopesdesa.com.br em 09/09/04

_____. Introdução a Analise dos Balanços. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1981

_____. **Prosperidade e o esforço científico do Neopatrimonialismo contábil para uma nova sociedade.** Disponível em: www.lopesdesa.com.br. Acesso em: 27 de ago./2004.

_____. **Doutrinas, Escolas e Novas Razões de Entendimentos na Ciência Contábil .** pesquisa realizada no site www.lopesdesa.com.br. Com.br Acesso em 15/08/05

_____. **Análise científica do equilíbrio do capital e modelos contábeis qualitativos.** Disponível em: www.lopesdesa.com.br. Acesso em: 18 de fev./2005.

_____. **Prosperidade E O Esforço Científico Do Neopatrimonialismo Contábil Para Uma Nova Sociedade.** Pesquisa realizada em www.lopesdesa.com.br em 27/08/04

_____. **Análise de balanços e modelos científicos em contabilidade.** Disponível em: www.lopesdesa.com. Acesso em: 21 de out./2004.

_____. **Teoria da Contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1999.

_____. Intensidade Funcional eficaz da riqueza e análise contábil sobre a continuidade do empreendimento. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Ano XXX, nº 130, CFC, Jul. / Ago. 2001.

_____. Antonio Lopes de. Bases das Escolas Européia e Norte-Americanas, perante a Cultura Contábil e a Proposta Neopatrimonialista. **Revista de Contabilidade do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, nº 111, Fevereiro de 2003. Pág. 29-39

_____. **Autonomia e Qualidade Científica da Contabilidade.** Conselho Regional de Contabilidade de Minas Gerais, 1994.

_____. **Teoria do Capital das Empresas.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 1965.

_____. **Tributo, Burocracia e Especulação.** [Http://www.lopesdesa.com/](http://www.lopesdesa.com/). Pesquisa em 15/08/05.

_____. **Moderna Analise de Balanços ao Alcance de todos.** Curitiba: Ed. Juruá. 2005.

_____. **Fundamentos da Contabilidade Geral.** 2^a ed. Curitiba: Ed. Juruá. 2005.

SANTOS, Manoel da Silva. A grande Caminhada, o homem, a contabilidade e o computador – da pré-história a história contemporânea. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 04, 3. Trim. CRC-MG, 2001.

SILVA, Rodrigo Antonio Chaves da. Analise do giro do capital circulante na dinâmica patrimonial. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 18, 2º trimestre, CRCMG, 2005.

_____. Liquidez estática e dinâmica. **Revista Mineira de Contabilidade**, Belo Horizonte, MG, nº 20, 4º trimestre, CRCMG, 2005.

SOTO, Eutimio Mejia. **Evolución Del pensamiento contable** de Richard Mattesich. Pesquisa realizada no site <http://www.gestiopolis.com.br> em 13/11/2005

VIANA, Cibilis da Rocha. **Teoria Geral da Contabilidade.** Volume I, 5. ed., Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1971.